

## O SANTEIRO DE GARAMBÉU

EDMILSON BARRETO MARQUES\*

Foto: Edmilson Barreto Marques

A religiosidade no período colonial brasileiro, como sabemos, foi fértil campo para inúmeras manifestações culturais e artísticas, o que permitiu a leigos e clérigos expressarem, através da arte, sua crença e sua fé.

Esse ambiente efervescente, em que a criatividade muitas vezes sobrepujava os padrões acadêmicos, deve ser a referência para se entender os santinhos populares e sua arte, pessoas comuns que, ao se engajarem em tal ofício, se ocupavam muito mais em expressar sua devoção ou tirar o seu sustento do que se conter a padrões estéticos que desconheciam ou não dominavam completamente.

Embora saibamos que a região das Minas tenha desfrutado de grandes mestres portugueses - escultores e entalhadores tais como Francisco Xavier de Brito e Manoel Vieira Servas, por exemplo -, o que salta aos olhos, se analisarmos em conjunto a imaginária mineira, quanti-tativamente, é que tal influência dita “erudita” foi apenas mais um elemento que incrementou esse acervo, criando algo único e genuíno capaz de aglutinar em uma só obra características comuns a ambas as influências. Esse caráter singular da imaginária mineira é certamente o mais lúdico e comovente aspecto que surpreende e seduz o olhar daqueles que se interessam pela arte colonial brasileira.

Além do muito ou pouco apuro técnico na arte de esculpir, os santinhos deixavam transparecer aspectos curiosos quanto a soluções inesperadas para imprimir nas imagens um vocabulário particular, que, desprovido da pretensão de autoria, lhes vale hoje como assinatura. Nesse fazer particular, panejamentos e anatomias, rostos e expressões ganham formas específicas que traduzem a individualidade, a ingenuidade e - por que não dizer? - a genialidade que só a arte é capaz de fazer aflorar.

As imagens populares variam no seu aspecto desde a pretensão erudita, numa imitação aproximada das imagens que o



*Nossa Senhora, do grupo de imagens do  
Município de  
Madre de Deus*

*\*Bacharel em História, Especialista em  
Conservação e Restauração, Especialista em  
Cultura e Arte Barroca*

Foto: Edmilson Barreto Marques



*São José, do grupo de imagens do Município de Madre de Deus*

santeiro vê nas igrejas ou nas gravuras da época...

Algumas fogem desse círculo comum e despontam extraordinárias, por assim dizer atrevidas nesse quadro geral, pois foram criadas por alguns gênios populares que encontraram no lenho ou no barro uma forma de expressão, fogo fátuo que deixou sua marca fugaz no anonimato da massa popular. Mas, como esculpir algo que não chegava nem a seu nível de conhecimento nem a seus sentimentos?

Fez, em todos estes séculos, copiando os santos oficiais da época, peças à sua própria imagem, e por isso o resultado foi sempre o mesmo em todos os lugares: rigidez estática e misteriosa, que falava ao misticismo dos devotos mais pelo seu simbolismo do que pela sua aparência.<sup>1</sup>

A região do Campo das Vertentes e Sul de Minas tem-se mostrado um celeiro em potencial para revelar mestres escultores, policromadores, prateiros e santeiros que deixam claro a diversidade de apuro técnico, variando de peças extremamente elaboradas, vinculadas às influências formais de grandes mestres, como é o caso dos mestres Valentim Corrêa Pais<sup>2</sup> e mestre do Cajuru,<sup>3</sup> bem como santeiros mais primitivos, porém não menos expressivos. No município de Sant'Ana do Garambéu, próximo de São João del-Rei, existe uma igreja colonial que, apesar das diversas intervenções que a descaracterizaram completamente, guarda em seu interior os altares laterais originais e um curioso grupo composto por três imagens, uma de Sant'Ana, uma de Nossa Senhora do Rosário e uma de São José.

A imagem de Sant'Ana Mestra é normalmente representada, segundo sua iconografia, como uma senhora sentada em uma cadeira, que pode ser simples ou elaborada, com espaldar alto ou baixo, variando de acordo com o gosto e a versatilidade de cada escultor. A santa segura em uma das mãos um livro. Ao seu lado, uma menina, de pé, representando Nossa Senhora, que aponta o dedo para o livro ou simplesmente observa-o. Essa iconografia é conhecida como Sant'Ana Mestra. Existem ainda duas outras variações na representação das imagens de Sant'Ana, em que a santa se apresenta de pé, segurando a menina ao colo ou caminhando ao seu lado. Essa iconografia é denominada de Sant'Ana Guia.

A imagem de Sant'Ana pertencente ao acervo da igreja de

1. ETZEL, Eduardo. *Imagem Sacra Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. p. 71-74.

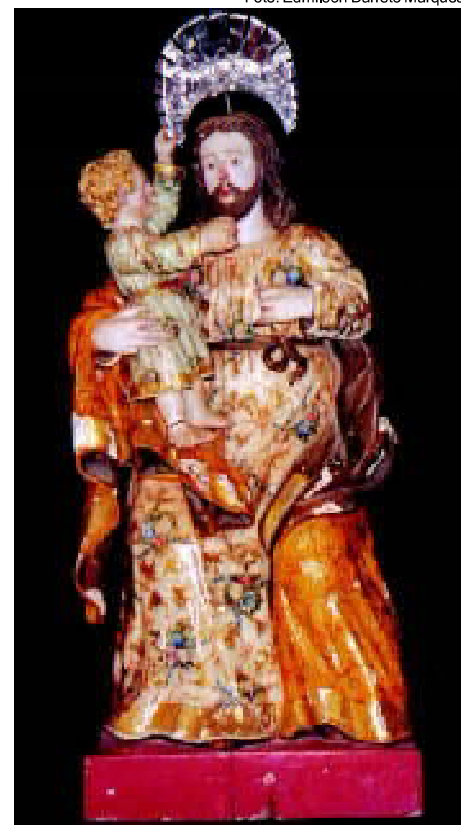
2. MARQUES, Edmilson Barreto. A obra de Valentim Corrêa Pais como referencial para identificação de uma "escola" na região do Campo das Vertentes e sul de Minas. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imagem Brasileira (CEIB), n. 2, 2003. p. 55-60.

3. ARAÚJO, Carlos Magno de. Aspectos preliminares do levantamento e identificação da obra do "Mestre do Cajuru" e sua escola. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (CEIB), n. 2, 2003. p. 49-54.

Sant'Ana do município de Sant'Ana do Garambéu mede 85cm de altura, apresenta-se sentada em uma cadeira de espaldar baixo. Possui um véu que lhe cobre parcialmente a cabeça, deixando à mostra os cabelos sobre as têmporas. O rosto de expressão séria parece conferir-lhe uma idade mais avançada. Possui corpete com mangas e franjas drapeadas lateralmente por broche. Sob as mangas do corpete aparecem as mangas da túnica que lhe recobre todo o corpo. O manto surge sobre o ombro esquerdo, acompanha o movimento do braço, caindo-lhe sobre o colo e lateralmente sobre as pernas. A perna direita, recuada, realça o avanço da perna esquerda, que deixa mostrar a ponta do sapato sob o barrado da túnica. A menina, posicionada lateralmente para o expectador, permite observar o perfil jovem, com penteado de trança e longos cachos que lhe recobrem a nuca, caindo sobre as costas. Sua expressão facial é jovem. A cabeça encontra-se baixa, assim como o olhar, que fita o livro em sua mão direita, enquanto a mão esquerda segura parte do manto, que, recobrimdo os ombros, lhe cai sobre o busto. Veste túnica com mangas compridas, presas à altura dos cotovelos e dos punhos. Possui a perna direita levemente flexionada. A escultura está apoiada em uma base simples, sem frisos ou talhas relativamente altas.

A iconografia de São José, amplamente representado no Brasil e em Minas, pode ser encontrada em versões diferentes, relacionando-se a passagens de sua vida. É representado tradicionalmente como um homem maduro, de barba, vestindo túnica e manto. Aparece segurando o Menino Jesus em uma das mãos e na outra uma vara ou cajado com lírios. Duas variações da mesma iconografia são: São José de Botas, quando este é representado calçado com botas, ou apenas São José, quando é representado com sandálias ou outro calçado.

A imagem de São José pertencente ao município de Sant'Ana do Garambéu mede 80 cm de altura é representada como um homem maduro, de barbas, em rara composição. Apresenta-se sentado em cadeira simples, de espaldar baixo, com voluta em motivo conchóide ao centro. Apresenta expressão séria, olhar estático, cabelos cacheados à altura dos ombros. Veste túnica longa com cinto amarrado por laço. Braços altos e levemente flexionados, mão esquerda com os dedos também flexionados, como se segurasse algo, e a direita espalmada para apoiar o Menino, que se



*São José, do grupo de imagens do município de Santana de Garambéu*

Foto: Edmilson Barreto Marques



*Nossa Senhora do Carmo, do grupo de imagens do oratório da família Mourão*

encontra em pé no seu colo. Sobre as costas usa manto longo que recobre a perna esquerda, o braço direito e parte do colo. A peça está apoiada em uma base retangular, simples. O Menino apresenta cabelos curtos e cacheados, braço esquerdo elevado como se tocasse a cabeça do homem, e o braço direito à altura do peito simula um gesto de abraço. Veste túnica semilonga, com cinto e mangas compridas, os pés estão aparentes e descalços.

A iconografia de Nossa Senhora do Rosário é tradicionalmente representada por uma imagem feminina, de pé, segurando em uma das mãos o menino e na outra o rosário. Veste túnica longa, véu sobre cabelos longos e manto. Normalmente se apóia em um bloco de nuvens com anjos e querubins.

A imagem de Nossa Senhora do Rosário do município de Sant'Ana do Garambéu mede 35 cm de altura e é representada por uma figura com a cabeça levemente inclinada para a direita, cabelos longos cobertos por um véu. Veste túnica longa, com modesto drapeado e preso ao centro por um broche. Possui manto longo que avança na parte frontal à altura das pernas e segura na mão esquerda um menino, e a mão direita com dedos flexionados para segurar o rosário. A imagem apóia-se sobre a base de feitiço bastante simplificado, quadrada, com frisos dourados, em que inexistem o bloco de nuvens e os querubins comuns nessa iconografia.

Esse grupo escultórico do município de Garambéu foi, de certa forma, o ponto de partida para a elaboração dessa pesquisa. Possui características formais e estilísticas idênticas não só entre si, mas também com outros três grupos de imagens. O primeiro pertencente ao acervo da igreja matriz de Madre de Deus de Minas; o segundo, composto por um conjunto escultórico de sete peças de um oratório pertencente a uma coleção particular de São João del-Rei; e o terceiro, de um conjunto do acervo da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição de Prados.

Além da postura estática das esculturas e dos panejamentos de drapeados abaulados que se ajustam de forma muito singular aos corpos rígidos das figuras, as expressões

ingênuas dos rostos e o formato do cabelo terminando as mechas, em cachos e pequenas volutas contidas, demonstram nitidamente que todas foram esculpidas por um mesmo santeiro. Outro elemento que revela a clara relação entre essas imagens, sendo comum a toda obra desse escultor localizado até agora, diz respeito à policromia. Além do raro fato de se encontrarem originais e em bom estado de conservação, podem ser atribuídas a Joaquim José da Natividade,<sup>4</sup> por apre-sentarem a padronagem e estampagem comum a esse artista. O fundo dourado sob pintura a pincel, formando tramas de “cata-ventos” entremeados por “*muguets*” de arranjos florais, dália azul, rosa e flor vermelha com pétalas brancas sobre folhagens verdes, elementos característicos da obra de José da Natividade. Os avessos dos mantos são comumente folheados a prata com reluzentes veladuras coloridas, possuindo *pastiglio* achatado, de fundo estriado.

O segundo conjunto de esculturas, pertencente ao município de Madre de Deus de Minas, era também composto originalmente por três imagens esculpidas separadamente, representando o presépio ou a família de Cristo: São José e Nossa Senhora, de joelhos, com as mãos postas. Certamente havia o Menino Jesus, que infelizmente desapareceu.

Iconograficamente, as figuras centrais dos presépios correspondem às imagens de São José, Nossa Senhora e Menino Jesus, representando a natividade. No período colonial mineiro, essa representação era normalmente realizada com essas duas imagens de Nossa Senhora e São José ajoelhados, próximo ao Menino. Um exemplo clássico dessa invocação em Minas pode ser observado nos oratórios D. José ou também chamados de Lapinha ou maquetinas, onde, geralmente trabalhados em pedra talco, os escultores montavam na parte inferior dos oratórios esse grupo sempre nesse formato tradicional. No caso



Oratório pertencente à família Mourão

4. ARAÚJO, Carlos Magno de. A policromia de Joaquim José da Natividade na imaginária da região do Campo das Vertentes e Sul de Minas. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (CEIB), n. 1, 2001. p. 147-149.



*Santana Mestra do grupo de imagens do  
Município de Santana do Garambéu*

específico do município de Madre de Deus de Minas, é interessante observar que não só a igreja, como também a cidade recebe o nome devido a esta iconografia, salientando apenas o nome da Virgem.

A imagem de Nossa Senhora de Madre de Deus de Minas possui aproximadamente 1,10 m de altura e representa uma figura feminina ajoelhada, com as mãos postas à altura do peito. Seu rosto é sereno, com o olhar direcionado para baixo, como se observasse algo que está próximo de si e ao nível do chão. Possui véu sobre vasta cabeleira em cachos, que nasce na testa, e se avoluma nas laterais do rosto, caindo até os ombros. Veste túnica com corpete e gola plissada, mangas e sobremangas que também possuem plissados nas bordas e apóia-se sobre uma base em formato de almofada. Possui coroa de prata.

A imagem de São José mede 1,20 m de altura e é representada por uma figura masculina com barba e cabelos cacheados, que recobrem parte das costas. Seu rosto, de expressão serena, tem o olhar voltado para baixo, a mão direita sobre o peito e a mão esquerda com os dedos flexionados para segurar um cajado com lírios. Veste túnica longa com cinto, que possui na gola uma espécie de jabô pendente. A túnica possui mangas longas com punhos abertos. Veste um manto que recobre as costas, pendente sobre o braço direito, cobrindo o ombro esquerdo e parte frontal da túnica. Apóia-se sobre base retangular simples. Possui resplendor de prata.

Essa imagem foi recentemente restaurada, quando foi resgatada a sua pintura primitiva. A imagem de Nossa Senhora, porém, apresenta-se ainda totalmente repintada com pintura em motivos florais, mas que altera totalmente a sua originalidade.

Nesse grupo é relevante notar a semelhança entre os rostos das imagens de São José, com a mesma iconografia do grupo de Sant'Ana do Garambéu. As duas não deixam dúvidas quanto à feitura de um mesmo escultor. Outro fato interessante a ser salientado nessas obras se refere à composição dos cabelos nas duas peças, um dos traços mais marcantes desse santeiro. Porém, é na imagem de Nossa Senhora que o cacheado profuso dos cabelos, a ingenuidade do rosto e a rigidez de postura conferem à imagem uma semelhança que em muito lembra as esculturas medievais. Aparência essa muito comum e presente em toda a obra de Garambéu, que prima por realizar indumentárias e soluções iconográficas bem pouco comuns,

como os corpetes inusitados presentes nas imagens femininas de Sant'Ana e Nossa Senhora de Madre de Deus, um jabô na gola de São José. A imagem de Nossa Senhora do Rosário do Município de Garambéu é representada de maneira bastante curiosa, sem o bloco de nuvens e sem os querubins, apoiando-se tão somente sobre a base.

O segundo grupo de imagens traz em si uma história muito intrigante e ao mesmo tempo reveladora de uma confluência de talentos na execução de uma obra devocional doméstica. Trata-se do oratório pertencente à família Mourão, que residia inicialmente no sobrado colonial que hoje abriga a sede do Museu Regional de São João del-Rei. Esse oratório, que possui caixa bastante simplificada externamente, foi elaborado em três faces envidraçadas, lateral e frente, com frontão triangular. A face frontal é também sua porta, com fechadura e espelho marchetado. Todas as três faces apresentam a madeira aparente em tom claro, provavelmente cedro, e a cimalha e os pés em madeira de cor negra, fazendo deste contraste o único adorno externo.

Apesar de sua simplicidade externa, possui o seu interior ricamente decorado com pintura à têmpera, em tons azul - claro e escuro, com inúmeros arranjos florais coloridos e dourados.

Quanto às imagens que sempre se abrigaram em seu interior, somavam o total de sete, sendo três de autoria do mestre Piranga: um Crucificado, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição e um Santo Antônio. O outro grupo é composto de uma imagem de Nossa Senhora das Dores, de uma Nossa Senhora do Carmo, de um São José e um Menino Jesus. Este último grupo tem suas dimensões de aproximadamente 30 cm de altura e encontra-se em perfeito estado de conservação, com suas policromias originais, trabalho de impressionante beleza e de rara incidência, já atribuído também a Natividade.

É interessante observar aqui que, embora a policromia dessas imagens esteja estética e tecnicamente atrelada à semelhança dos grupos das outras imagens - Sant'Ana do Garambéu e Madre de Deus, o fato é que, no caso deste oratório, o trabalho demonstra superar-se a si mesmo no que se refere à beleza plástica. A delicadeza das padronagens em esgrafiados, a miniaturização de detalhes, como "*muguets*" florais, e a

sobreposição de veladuras, bem como aplicação de rendas de tecidos nas bordas dos mantos, são elementos que demonstram o primor e o requinte de elaboração dessas policromias. Certamente, tal esmero só foi possível por tratar-se de peças de pequenas proporções e de ser esta uma encomenda que envolvia o prestígio e a importância do encomendante, segundo referências colhidas junto a seus descendentes, um importante e abastado comerciante local.

As imagens desse grupo também atribuídas ao santeiro de Garambéu apresentam nitidamente as características presentes em sua obra, dentre as quais um detalhe que chama atenção na sua inusitada riqueza de soluções inesperadas. A imagem do Menino Jesus, nu, de boa anatomia, apresenta-se de pé sobre o globo coroado por um pequeno grupo de nuvens em formato de volutas. O mais curioso dessa representação está nos cabelos de cachos contidos e justapostos, criando um efeito único e exótico somente pensável na obra de Garambéu.

O terceiro e último grupo localizado encontra-se na igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, do município de Prados, e se constitui das imagens de Santa Rita e de São Joaquim, que medem 40 cm de altura cada, entre outras que ainda necessitam ser melhor estudadas, mas já possuímos fortes indícios de que nesse grupo encontra-se também uma imagem de roca com características que remetem ao trabalho desse escultor.

Embora ainda não saibamos o verdadeiro nome do santeiro de Garambéu e desconheçamos quase que totalmente aspectos de sua biografia, podemos dizer que o início desta pesquisa já demonstra um rastro seu por diversas localidades da região do Campo das Vertentes e Sul de Minas. Sabemos que seu trabalho alcançou grande prestígio, visto que suas imagens se encontram em altares diversos e por vezes como orago de importantes igrejas; sabemos ainda que esteve muito próximo de Joaquim José da Natividade, possivelmente trabalhando em parceria. Dentre as principais características e aspectos formais presentes em sua obra podemos listar:

Rostos com fisionomias ingênuas, bocas pequenas, narizes com asas das narinas pouco marcadas, espaços naso-labiais grandes, queixos esféricos não muito proeminentes, ausência de

segundos queixos. Mãos grandes com dedos cônicos.

Panejamentos contidos com pouca adequação ao movimento dos corpos, sendo os drapeados em sua maioria pouco facetados, com as arestas abauladas, caimentos forçados e nada naturais.

Cabelos lisos ou revoltos, com fios entrelaçados, cacheados longos ou curtos, quase sempre terminando as pontas em volutas pequenas e contidas.

Posturas rígidas, quase total ausência de contra-posto, gestuais duros e contidos. Pouca adequação do Menino Jesus nas imagens que o seguram.

Nuvens normalmente em formato de volutas, ou gomos que podem aparecer em movimentos espirais contínuos ou invertidos.

Apesar de todos os estudos realizados até o momento, tais como localização e documentação fotográfica das esculturas, bem como comparação estilística entre as peças e conjuntos, pretendemos prosseguir com esta investigação, objetivando buscar nos arquivos documentais maiores referências sobre a vida e a obra do santeiro de Garambéu, para, desta forma, contribuir para uma melhor compreensão e elucidação da arte mineira do período colonial.

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Magno. A policromia de Joaquim José da Natividade na Imaginária do Campo das Vertentes e Sul de Minas. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (CEIB), n. 1, 2001. p. 147-149.

\_\_\_\_\_. Aspectos preliminares do levantamento e identificação da obra do “Mestre do Cajuru” e sua escola. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (CEIB), n. 2, 2003. p. 49-54.

ETZEL, Eduardo. *Imagem Sacra Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. p. 71-74

MARQUES, Edmilson Barreto. A obra de Valentim Corrêa Pais como

referencial para identificação de uma “escola” na região do Campo das Vertentes e sul de Minas. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte: Centro de estudos da Imagem Brasileira (CEIB), n. 2, 2003. P. 55-60.